



A LINGUÍSTICA APLICADA: DA PRÁTICA INICIAL AO PÓS- MODERNISMO

APPLIED LINGUISTICS: FROM THE INITIAL PRACTICE TO POSTMODERNISM

Zukleia Pereira Cabral Cipriano 1

Mestranda em Letras pela UFT. 1
E-mail: zukleia@mail.uft.edu.br

Resumo: Procura - se com este trabalho, compartilhar uma breve historiografia da Linguística Aplicada (LA) e suas nuances, vivenciadas no Brasil e no mundo. No princípio os indivíduos explicavam os fenômenos através do mito. Após o final do século XIX, a ciência passou a erradicar as definições das superstições. Textos Bíblicos, estudos da protolíngua e a globalização permitem compreender a evolução das línguas. A linguística pode ser considerada uma ciência “moderna”, mesmo que se molde pelas tradições logocêntricas dos séculos XVIII e XIX. O objetivo deste trabalho é descrever, através de uma pesquisa instrumental documental e de levantamentos teóricos, o nascimento, a expansão e o desenvolvimento da LA no Brasil e no mundo. Essa pesquisa se configurará pelos pressupostos bibliográficos abordados em livros clássicos, dissertações, teses e artigos que tratam do tema em questão. O tipo de pesquisa é o método qualitativo dedutivo por meio de análise de conteúdo exploratório.

Palavras chave: Linguística Aplicada – Ética – Indisciplina - Linguista Aplicado

Abstract: This work aims to share a brief historiography of the Applied Linguistics (AL) and its nuances, experienced in Brazil and in the world. In the beginning individuals used to explain phenomena through myths. After the end of the 19th century, science began to eradicate the definitions of superstitions. Biblical texts, studies of the protolanguage and globalization understand the evolution of languages. Linguistics can be considered a “modern” science, even if shaped by logocentric traditions of the 18th and 19th centuries. The objective of this work is to describe, through an instrumental documentary research and theoretical surveys, the birth, expansion and development of AL in Brazil and in the world. This research will be shaped by bibliographic assumptions found in classical books, dissertations, theses and articles dealing with the subject in question. The type of research is the qualitative deductive method through analysis of exploratory content.

Key words: Applied Linguistics - Ethics - Indiscipline – Applied Linguist

Introdução

Para alguns pesquisadores e especialistas da área da linguagem, a LA¹ é concebida como uma proposta recente, a qual dataria de quinze a vinte anos. Esta pesquisa propõe uma breve descrição acerca do nascimento, da expansão e do desenvolvimento da Linguística Aplicada pelo Brasil e pelo mundo. Dessa forma, o delineamento teórico far-se-á por meio de pesquisas e estudos documentais e de levantamentos teóricos.

Por hora, a roupagem da LA se apresenta como sendo indisciplinar, transdisciplinar ou transgressiva. Estudiosos da linguística e educadores da língua atravessam fronteiras no campo do conhecimento. Questionamentos surgem acerca de como tratar as mudanças da língua, de que forma abordar isso sem desenvolver valores ou preconceitos de uma língua em detrimento de outra.

Segundo Rajapagolan (2002), a língua inglesa, por exemplo, tem se tornado uma mercadoria altamente valorizada, principalmente nos países periféricos. Nestas áreas, o ensinar e o aprender o inglês transformou-se em um grande negócio, constituído de fetichismo pelos demiurgos do mundo do *marketing*.

É necessário se pensar no ensino de uma língua e perceber formas de abordagens sadias as quais não permitam distanciar os grupos sociais marginalizados ou até mesmo invisibilizados, do seu próprio contexto social.

Atualmente percebe-se esse acultramento a determinadas línguas exposto amplamente no mundo plástico dos livros didáticos. Os livros e os materiais instrucionais, sem exceção, carregam em si mensagens culturais e ideológicas (PENNYCOOK, 2000 apud SIQUEIRA, 2012).

Percebe-se que certas editoras decidem o que deve ser ou não publicado. O atual professor de línguas lida constantemente com a sua precária formação e se vê vulnerável à obediência/dependência dos ditames expressos nos materiais de ensino.

A abordagem de que há uma “língua mãe” sugere a existência das “línguas filhotes”, das “irmãs bastardas” e ainda da “língua madrasta”. Tal configuração atua com poder letal contra as línguas quando, por exemplo, um indivíduo tem vergonha da sua própria língua, por esta não ser a “ideal” para o mundo. Se existe o ódio para com as línguas mistas isto é a versão disfarçada do ódio à mistura das raças e das miscigenações. Eis uma questão propriamente política.

É necessário esclarecer a existência das variedades das línguas e o linguista pode se orientar em como ensinar uma língua sem ser dominado por ela. Isso é jus para a formação crítica e consciente do leitor e valorizar o “sul-sul”, ou seja, o seu próprio campo, o seu contexto.

A historiografia inicial da LA aporta aos primórdios conceitos trazidos pela mitologia e pela ficção. Se no início de tudo as explicações fenomenais se pautavam na abordagem do misticismo, este cedeu lugar para crença absoluta na Ciência. Já no século XIX não se criavam mais seres imaginários nem declarações fantasiadoras. A explicação para os sentidos da vida, da morte, da dor e da própria contextualização humana deixaram de se configurarem no dia a dia com base no empirismo. Reporta-se aos textos Bíblicos, os quais relatam passagens universais do dilúvio, da torre de Babel e da descida de pentecostes (FIORIN, 2002). A ciência em primeira instância descarta a ideia da protolíngua. Não seria possível estabelecer um ponto inicial com uma língua que viesse servir a todos os seres humanos. Reconhece-se, no entanto, que através da gramática Filosófica e da Gramática Gerativa, os indivíduos creem que o mito da Torre de Babel, por exemplo, se configura na assertiva de que já existiu um princípio de unificação.

A partir do século XIX, houve uma revolução nos estudos linguísticos, chamado de Comparativismo. Pesquisadores começaram a estabelecer graus de parentescos entre as línguas, retrazendo as famílias com descrições pormenorizadas (com destaque para a família indoeuropeu). Tais estudos buscavam encontrar semelhanças de som e de sentidos entre as palavras diferentes, entre as morfologias e as sintaxes, as quais pudessem servir de elos entre as mesmas. Esse trabalho minucioso rendeu que até mesmos as línguas mais diferentes entre si, como o sânscrito (língua clássica e religiosa da Índia), o persa, o armênio, o grego, o latim, o antigo germânico, o romani (língua dos ciganos), entre outras, derivavam de uma matriz ancestral, de uma língua mãe mais

1 Linguística Aplicada.

antiga.

Benveniste (2005) descreve a forma como a linguística se desenvolveu no campo científico, a partir de três fases. De acordo o autor, a linguística ocidental nasceu no seio da filosofia grega. Nesse meio, a língua era destacada apenas pela sua referência filosófica. Essa fase se estendeu até o século XVIII. Após essa abordagem, a linguística emergiu através da relação de parentesco entre as línguas indo-europeias e, daí, surge a gramática comparada. A terceira fase dos estudos linguísticos é presenciada no século XX. Por intermédio de Ferdinand de Saussure e o curso de Linguística Geral (escrito pelos seus discípulos Charles Bally, Albert Sechehaye, dentre outros), o qual determinava uma nova roupagem para a noção de língua: através da perspectiva de uma nova noção de língua aonde os linguistas a estudavam e a descreviam através de uma técnica adequada ao contexto linguístico, atuando de acordo com a análise de suas características.

As migrações antigas contribuíram para a propagação das línguas pelo mundo, sendo que as mesmas foram se diferenciando e se reconstruindo, o que ocasionou a grande quantidade de línguas das quais se falam hoje. O ponto de partida seria da linhagem indoeuropeu, como protolíngua, inicialmente na Ásia Menor (hoje Turquia), da qual seus falantes migraram em parte para a Índia e para a Europa.

Motomura (2011) afirma na Revista Mundo Estranho, que hoje no Brasil, existem cerca de 210 línguas, sendo considerado o país com o oitavo maior número de línguas em uso. A maioria se concentra nas comunidades indígenas, perfazendo um total de 180 línguas. A questão do *homo sapiens* supõe que a linguagem se desenvolveu em algum lugar da África, há dezenas de milhares de anos atrás, mas, ao trazer esse questionamento para os dias atuais, percebe-se que todas as línguas configuram-se com complexidade gramatical, desenvolvimento cultural e riqueza gramatical.

É notório que estamos vivenciando efeitos da globalização e dos meios de comunicação mutantes, os quais impedem a estipulação de uma sociedade homogênea. É assunto emergencial discutir e compreender a sociedade como sendo diversificada e por isso difícil de ser considerada global e única. Caso bastante discutido, devido à intencionalidade de planificação existente em alguns países, os quais buscam a planificação da língua.

Eis uma abordagem atual que visa discutir o relacionamento interdisciplinar da LA com os princípios do agrupamento humano e de sua conquista de territórios e de pensamentos. Isto se justifica pela fenomenologia do letramento construído em virtude das diversas acepções de análises e pelas perspectivas obtidas acerca da Linguística Aplicada, vista de certo modo com a roupagem interdisciplinar.

Performance da linguística aplicada indisciplinar

A Linguística Aplicada surge da desenvoltura da Linguística. Estudos em LA iniciaram-se nas décadas de 1960 e 1970, nos EUA, com o objetivo de contribuir com interesses estratégico-militares deste país. Por exemplo, a Marinha dos EUA, ainda que não tivessem nada haver com a linguística em si, patrocinava os estudos em LA. Os linguistas são considerados os principais responsáveis pelo desenvolvimento do ensino de línguas, devido à necessidade de realizar contato entre inimigos e aliados de línguas diferentes, fato este que proporcionou um crescimento vasto no campo de estudo e de produção dos materiais teóricos e práticos.

Segundo Silveira (1999), na segunda metade do século XX surgiu o Método Audiolingual, conhecido também como "O Método do Exército" (*The Army Method*). No ápice da Segunda Grande Guerra, o governo financiou tanto a pesquisa quanto a implantação de cursos intensivos para obtenção de habilidades orais e auditivas para os soldados que estavam prestes a irem ao campo de batalha. Através do método behaviorista aprofundavam a manipulação de comportamentos. Para tanto, os conteúdos eram selecionados por meio de uma análise de contraste entre a língua materna e a língua alvo, para determinarem os elementos fonéticos e estruturais trabalhados nos manuais.

A linguística aplicada nasceu como uma disciplina voltada para os estudos sobre ensino de línguas estrangeiras e hoje se configura como uma área imensamente produtiva, responsável pela emergência de uma série de novos campos

de investigação transdisciplinar, de novas formas de pesquisa e de novos olhares sobre o que é ciência. (MENEZES, 2009, s/p.)

Diante disso, Almeida Filho (1990), afirma que o ensino da LA no Brasil, está apenas em seu início de carreira. A LA tem muito espaço para crescer e se evoluir no mundo teórico. Filho destaca ainda que o linguista aplicado não deve se sentir inadequado por não dispor de um conhecimento especializado na área da Linguística. Isso pela disponibilidade que a área fornece em estar contracenando com outras disciplinas, as quais ele as chama de “contribuintes”.

Após se dissipar e se propagar rapidamente pelo mundo ocidental, a Linguística Aplicada surge na década de 40 e se estende até às décadas de 50 e 60, utilizando métodos audiovisuais e exercícios estruturais no ensino das línguas. Depreende-se, portanto, que foi daí que se iniciou a sistematização da Linguística Aplicada, com uma metodologia que se pautava em duas grandes correntes linguísticas da época, que foram o estruturalismo e o gerativismo (Cavalcanti, 1986).

O estruturalismo se fundamenta pela concepção Behaviorista da linguagem e reza a teoria com automatismos necessários para a aprendizagem. Nessa abordagem, a aprendizagem de uma língua seria o resultaria por meio de um processo de formação de hábitos.

Por outro lado, o Gerativismo, que adota a língua como um fenômeno de base criativa e que se constitui por um número finito de regras, dentre as quais permitem ao falante formar e transformar uma gama infinita de sentenças gramaticais. Isso é o que Chomsky divulgou na década de 50. Foi a partir dessa teoria que as contribuições aprimoraram o sentido e a compreensão mais profunda de como funcionava o sistema da língua estudada e as suas generalizações feitas por tal gramática, o que facilitaria o aprendizado de uma língua estrangeira.

Segundo Almeida Filho (1987), na década de 70, a Linguística Aplicada, tornou-se equivalente ao ensino de línguas e passou a organizar procedimentos importantes como a análise contrastiva e a análise de erros.

Após os anos 80, a Linguística Aplicada se fortaleceu com a autonomia em relação à Linguística teórica. A mesma tornou-se mais envolvente e abrangente, transformando-se de uma expectativa sistemática para a aplicação da Linguística teórica.

Percebe-se, que a teoria de Cavalcanti, em 1986, consolidava a LA como objeto de estudo com metodologias próprias, para aproximar-se de um aspecto mais científico e disciplinar.

A Linguística Aplicada é abrangente e multidisciplinar e, sua preocupação foca as questões de uso da linguagem. Ela tem um objeto de estudo, princípios e metodologia ímpar, e já começou a desenvolver seus modelos teóricos.

O fenômeno ideológico da palavra é perpetuado em sua evolução própria e sua excelência reflete as mudanças e diferenciações sociais. Quem dá o destino da palavra? Como compreender a evolução dialética das palavras e da própria língua?

A palavra, como fenômeno ideológico por excelência, está em evolução constante, reflete fielmente todas as mudanças e alterações sociais. O destino da palavra é o da sociedade que fala. Mas há vários caminhos para estudar a evolução dialética da palavra. Pode-se estudar a evolução semântica, isto é, a história da ideologia no sentido exato do termo; a história do conhecimento, isto é, a evolução da verdade, uma vez que a verdade só é eterna enquanto evolução eterna da verdade; a história da literatura, como evolução da verdade na arte. (BAKHTIN, 1981, p 180)

O estudo da evolução da própria língua dentro da perspectiva ideológica reflete a existência da consciência humana efetivada através da palavra e das ações diversas próprias do indivíduo. Não há como estudar a evolução da língua sem fazer as ligações pertinentes com os fatos sociais, econômicos e políticos. O estudo da evolução das línguas está intimamente ligado às verdades da arte da expressão da palavra construídas pela vivência social. A interação é peça fundamental para a evolução da natureza e da história da palavra. É na interação que língua se mostra viva e mutante,

digna de seu espaço próprio.

A perspectiva indisciplinada da LA nos remete a discutir a língua pelo ângulo dos signos, dos gestos, dos sinais, dos erros individuais e das práticas e dos próprios desvios em si: uma (in) disciplina, como sugeriu Moita-Lopes (2006).

A discussão acerca das propriedades dos estudos na área das propriedades dos estudos na área da Linguística Aplicada possui sua reafirmação direcionada ao uso da língua pelo homem:

[...] a Linguística Aplicada é uma disciplina que se ocupa e, exclusivamente, de situações em que o homem usa a língua para falar dela mesma. Então, ela é uma ciência que tem como meio seu próprio objeto, ou seja, a LA usa a língua para falar da própria língua. (KOPPSCHITZ 1993, p. 8)

Ainda que ocorram passagens fora das mediações da consciência individual, isso é fato na realização das normas linguísticas. O que se considera “fora da norma, indisciplinada” é antes a condição para a realização do crescimento e do desenvolvimento social e cultural. O desvio aqui é representado pelo ressurgimento de uma nova norma para a linguística: um nascedouro constante.

Apesar do seu aspecto “singelo”, os gestos trazem construções de destaque no desenvolvimento das linguagens. Algumas reformulações apontam um novo perfil da LA, com uma roupagem que mira para o casamento entre o estudo da língua e a valorização do contexto social do indivíduo.

O novo perfil da LA

A LA se torna autônoma à medida que se despe da hegemonia da linguística. O modelo ideal para a linguística aplicada tende a captar a perspectiva do usuário e às suas necessidades reais.

Para Menezes (2009), o objetivo do curso de LA, está pautado em examinar o uso da linguagem em suas diversas variações e situações sociais, como por exemplo, analisar as conversas cotidianas, os diálogos nos locais educacionais, as palavras próprias da área da medicina, dentre outros aspectos.

Segundo outros estudiosos, como Celani (1992), Beaugrande (1992) e Kleiman (1992), a LA pode contribuir de forma mais ampla, de forma que ultrapassa a teoria linguística e foca em resolução de problemas de aprendizagens de línguas materna ou estrangeira ou em estudos de línguas específicas.

A Linguística Aplicada pós-moderna passa por fases de desenvolvimento que objetivam contribuir com o ensino-aprendizagem de línguas diversas. Seu objetivo principal atenta por tornar-se uma LA mais acessível, menosprezando de frente a prepotência, que por si só já é impositora.

A questão da imposição tem sido lugar de debates acerca, por exemplo, da inserção da língua inglesa nas escolas de todo o mundo. O professor de línguas se vê necessitado em trazer a LA para a vida real do aluno. É, pois, indispensável adequar a língua inglesa à compreensão do aluno e o aluno não precisa necessariamente ter de se tornar um fluente na língua inglesa. Essas noções intrínsecas de neocolonialismo precisam ser superadas e contempladas com novas perspectivas. Seria um “fazer milagres com o pouco que se fala”.

Pode-se reconhecer que a Linguística Aplicada possui caráter prático e posiciona-se à frente de disciplinas essencialmente teóricas em relação a outras abordagens de estudos sociais. A LA possui cientificidade e, como disciplina veio da Linguística. Compreende-se que mais importante do que definir-se como Ciência é fazer a Ciência. A LA nasceu com a meta de estudar o ensino de línguas estrangeiras. Nos dias atuais, tem se tornado uma área imensamente produtiva tendo em vistas as contribuições emergentes que se surgem. Nesse delinear nasce um novo linguista aplicado que foca na LA antidisciplinar, transgressiva e indisciplinar.

O linguista aplicado e suas perspectivas

O linguista aplicado possui visões abertas e trata a LA como uma idealizadora antidisciplinar, transgressiva e indisciplinar, na medida em que não se atém à questão da planificação, do massacre

e das torturas que a busca pelo sotaque perfeito causa no indivíduo. É possível pegar as essências das disciplinas em prol do aluno, que é a clientela mais importante em questão.

A LA se firma como sendo indisciplinar, ao passo em que não se constitui como uma disciplina, mas como uma área expansiva, mestiça e nômade, a qual pensa de forma diferente dos paradigmas estipulados e consagrados que teimam em sucatear ideias. Tais paradigmas são inúteis e precisam se desprender para a compreensão do mundo. (FABRÍCIO, 2006)

O aspecto transdisciplinar da LA atravessa as fronteiras disciplinares e continua se transformando. O linguista aplicado é capaz de refletir o seu papel importante, que é o de formar o lado social dos indivíduos e reconstruí-los em si mesmos. Reconhece-se que os discursos precisam ser modificados. As práticas atuais do linguista focam na travessia de fronteiras no campo do conhecimento, assim mesmo como a vida, ainda que se exponha a riscos.

Segundo Moita Lopes (2005, p. 27), em seu livro *Oficina de Linguística Aplicada*, discute que a LA “[...] é uma área de investigação que está tendo um grande desenvolvimento no Brasil e que o nosso país é o que tem apresentado mais trabalhos em congressos que tratam dessa disciplina”.

Pode-se afirmar que a LA utiliza “polpas” de compreensão acerca dos conceitos e das práticas de relação entre o aluno e o professor. Na medida em que a Linguística Aplicada se torna cada vez mais autônoma, mais ela se liberta da hegemonia avassaladora. Os trabalhos de LA contribuem crescentemente para dirimir lacunas entre a teoria e a produção do dia-a-dia das salas de aulas em busca da qualidade no ensino.

O ensino deve ser de todo libertador e ser de interesse da objetividade do seu usuário. Assim, em seu livro *Pedagogia do Oprimido*. Paulo Freire (1970) observou a importância da educação democrática e conscientizadora, livre das opressões dominantes, despertando no consciente das pessoas a amplitude da pedagogia libertadora. De acordo com a proposta progressista de educação, Freire construiu ideias de ensinar a partir do processo de reflexão e crítica das práticas pedagógicas para a educação formal.

A pedagogia libertadora afirma que o objetivo primordial para a transformação da sociedade se inicia nas relações sociais que os indivíduos estabelecem em seu meio e em seu contexto. As práticas libertadoras superam a cultura colonialista na “sociedade em trânsito”. Ao que ele afirma:

Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados, objetos de um “tratamento” humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados de entre os opressores, modelos para a sua “promoção”. Os oprimidos não de ser o exemplo para si mesmos, na luta por sua redenção (FREIRE, 1970, p.41).

Dessa forma, o caminho para a minimização das lacunas que existem entre a teoria e a produção efetivamente dita dentro da sala de aula, parte dos trabalhos por intermédio da práxis ética. O linguista aplicado adota modelos adequados, de seu interesse para atender às perspectivas de seus usuários.

Ética na Linguística Aplicada

A discussão acerca da LA e de suas influências faz emergir um tema importante que é a questão da Ética. Isso se concretiza a partir da característica transdisciplinar ou indisciplinar as quais ela aborda e a partir das quais, contemplam questões de ética e poder.

Destacam-se aqui termos facilitadores da compreensão da definição de ética. Inicialmente, o dicionário Houaiss (2001) define ética como sendo um segmento da filosofia, a qual se dedica em analisar as razões que ocasionam, alteram ou orientam o modo de agir do ser humano. Isso por meio dos seus valores morais. Trata-se da reunião das normas de valores morais presentes numa pessoa, numa sociedade ou em um grupo social.

É ponto notório que a ética estuda as regras de condutas e valores humanos de forma a disciplinar e equilibrar o trato social da sociedade. O ponto de partida para a apreciação da conduta humana está sujeito à qualificação que aporta às definições do que é bem ou do que é mal. Assim sendo, a ética está relativamente associada à determinação dos indivíduos e por eles é regida.

A ética parte da filosofia, que é a responsável pela investigação dos princípios que por hora motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano.

Para Moita Lopes (p. 27) uma LA transdisciplinar ou indisciplinar precisa contemplar “questões de ética e poder”. Há que se considerar que para a LA, a ética não pode e não deve ser antropocêntrica e nem individualista.

A problematização acerca da noção de ética reflete que a LA contemporânea, uma vez contestatória e reflexiva venha contribuir para a realização de pesquisas de cunho respeitoso sem desfavorecer a lealdade da ética, presente nas atitudes dos próprios pesquisadores.

Metodologia e reflexão dos resultados

O presente trabalho se formou através de pesquisa instrumental documental e de levantamentos teóricos. As novas interfaces da linguística aplicada indisciplinar evidenciaram a sua amplitude e capacidade de atuar no meio linguístico de forma alienadora ou libertadora, de acordo com a visão do linguista. Percebe-se, por sua vez que a LA atua no meio social e demonstra o quanto a língua é viva e mutante.

Reflexão dos resultados

Há que se destacar ainda, a ética dentro da LA. Um propósito indispensável para a visão de que a mesma não deve ser nem antropocêntrica e nem individualista. Sugere-se um adequar constante em busca do equilíbrio no estudo das línguas, através do pensar respeitoso em relação às línguas dos povos, desprovido de intenções políticas ou de desvalorizações de línguas.

Faz-se notório pensar que a LA possui sua área de conhecimento legítimo e relevante para a sociedade e assim precisa se fazer merecer. O que se destaca, por hora, é que os contatos que a LA possui com outras disciplinas devem ser multilaterais. Os seus especialistas linguistas aplicados operam com citações de textos escritos por sociólogos, historiadores, arqueólogos, dentre outros e cientistas políticos, de forma a desenvolver um alinhamento respeitoso e verdadeiro.

Porém, essas definições nem sempre se tornam de fácil compreensão. Nesse aspecto, Moita esclarece que nenhum autor define o que de fato é ser ético. Ele afirma ser necessário fazer escolhas ideológicas, políticas e éticas. Porém ressalta que este ponto é complexo devido às várias opiniões divergentes que podem surgir.

Diante disso, é certamente viável discorrer sobre a importância das obrigações éticas estarem alicerçadas com a disposição em promover um elo respeitoso e recíproco diante dos ambientes de aprendizagem. Uma forma respeitosa de valorizar o conhecimento e mesmo assim de não enclausurá-lo de forma alguma.

Uma maneira eficaz de analisar a Linguística Aplicada sob diversas perspectivas: ao descartar concepções que queiram limitar a linguagem ou até mesmo isolá-la dos seus falantes.

A linguagem não se trata de coisa, de objeto. A linguagem é humana e faz parte de suas realidades sociais e históricas. Se a LA é complexa isso se dá pela sua formação social, histórica e política. As constantes renovações fazem dela algo vivo e essencial o qual pode contribuir e dialogar com outros campos do saber. Por hora, constatou-se através da pesquisa bibliográfica, aspectos significativos da contribuição da LA para o meio acadêmico com proposituras de uma Linguística libertadora, transdisciplinar e transgressiva, a qual viabiliza a formação do indivíduo crítico, o qual sabe verificar e explorar outras línguas sem desmerecer nenhuma delas.

Considerações finais

Em fase de conclusão desse artigo, retoma-se o objetivo inicial que propôs descrever, através de uma pesquisa instrumental documental e por meio de levantamentos teóricos, o nascimento, a expansão e o desenvolvimento do perfil atual da LA no Brasil e no mundo.

Os questionamentos teóricos abordados até aqui retomam as características da Linguística Aplicada, em seu nascimento, expansão e perfil atual.

Na verificação bibliográfica identificou-se que a teoria das universidades necessita pensar a práxis de forma mais contextualizada. Trazer para a vivência dos estudos de outra língua, a valoração também da sua língua materna.

Conforme os autores, percebeu-se que a linguagem alcança um patamar inigualável em termos de riqueza cultural. Ela ultrapassa o tempo se refazendo e se modificando a seu bel prazer. Não obstante, nesta época de pós-modernismo a linguagem diferencia o homem dos demais seres humanos os quais agem e se interagem por meio dela.

Encontrou-se nos aportes bibliográficos que o ensino e o uso da língua materna devem se pautar no reconhecimento de que o ensino não deve se prender em si mesmo. O ensino, em primeira mão, deve se doar a ponto de não querer ser dominador da linguagem, mas um elo para a interação social e histórica. A sociedade vive em constantes mudanças e a linguagem não pode ser apenas códigos ou uma coisa pronta e acabada. Há que se considerar as práticas interacionais, sociais e todo o contexto experienciado pelos indivíduos. As pessoas se constroem a cada dia, socialmente e historicamente.

Na opinião da autora deste trabalho, as pesquisas em LA podem contribuir significativamente para a compreensão e para o desenvolvimento desse processo, já que ela é indisciplinar e consegue dialogar com as demais disciplinas do conhecimento. Dessa forma, através do estudo científico e teórico, desenvolver-se-á uma verdadeira reorganização dentro do ensino de línguas, de acordo com o treinamento de professores no país, para a reforma do ensino de línguas e ainda, para a mudança da própria visão do professor.

O professor reconhece a hora em que precisa atuar de forma diferente. Porém, há que se questionar ainda: qual o caminho que a LA percorrerá para conseguir driblar as incertezas e as ansiedades? Porventura, os profissionais se sentirão habilitados e competentes para atuar na esfera dos estudos linguísticos? Estes profissionais conseguirão adentrar no campo da ética e colher frutos doces? É preocupação ascendente a discussão dos profissionais em meio às grades curriculares e às regras impositivas e capitalistas pelas quais os professores são regidos e guiados. A responsabilidade está em conciliar sua prática com sua teoria, para então, compreender a essência da LA em sua forma mais proveitosa e enriquecedora: uma LA inclusiva, indisciplinar e ampla.

Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Linguística Aplicada, Aplicação de Linguística e Ensino de Línguas**. In: Anais do III Seminário Integrado de Ensino de Línguas e Literatura. Porto Alegre: PUC-RS e Centro Yázigi de Educação e Cultura, 1987.

_____. **Maneiras de compreender Linguística Aplicada**. 1990.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, Y.N.) **Marxismo e filosofia da linguagem**. MICHEL LAHUD E YARA FRATESCHI VIEIRA com a colaboração de. LÚCIA TEIXEIRA WISNIK e CARLOS HENRIQUE D. CHAGAS CRUZ segunda edição. EDITORA HUCITEC. São Paulo, 1981.

BEAUGRANDE, Robert A. (1992). **Análise de texto e lingüística aplicada como reorientação da lingüística teórica**. In: FÁVERO & PASCHOAL (Org.). *Lingüística Textual, Cadernos da PUC*. São Paulo: Educ, n. 22, p. 15-30.

BENVENISTE, É. **Problemas de lingüística geral I**. Trad. NOVAK, M. G; NERI, M. L 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. **Problemas de lingüística geral II**. Trad. NOVAK, M. G; NERI, M. L 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

CAVALCANTI, M. (1986). **A propósito de Lingüística Aplicada. Trabalhos em Lingüística Aplicada**. [s.l: s.n] , n.7,p. 5-12.

CELANI, M. A. A. (1992) **Afinal, o que é Lingüística Aplicada?**. In: PASCHOAL, M.S.Z. & CELANI, M. (Org.). São Paulo: Educ.

FABRÍCIO, B. F. **Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”**: Redescrições em curso.

In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editora, 2006. p. 45 a 65.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KLEIMAN, A. B. **O ensino de línguas no Brasil**, In: PASCHOAL, M. S. Z.; CELANI, M.A.A.(orgs.). *Linguística aplicada: da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC-PUCSP, 1992.

KOPSCHITZ, Lúcia X. B; MATTOS, Maria Augusta B. **A Lingüística Aplicada e a Lingüística**. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Campinas: Institutos dos Estudos da Linguagem, v. 22, 1993. p.07-23.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. **Sessenta anos de lingüística aplicada: de onde viemos e para onde vamos**. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. *Lingüística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: 2009.

MOITA LOPES, L. P. **Afinal, o que é Linguística Aplicada?** In: MOITA LOPES, L. P. *Oficina de linguística aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 1996. p.17-33.

_____. **Inglês no mundo contemporâneo: ampliando oportunidades sociais por meio da educação**. 2005; Conferência.

_____. **Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado**. In: _____. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 13-43.

MOTOMURA, M. Quantos idiomas existem no mundo? **Revista Mundo Estranho**. Publicado em 18 abr 2011. Obtido em: <https://mundoestranho.abril.com.br/cultura/quantos-idiommas-existem-no-mundo-2/>. Acesso em 01 de Setembro de 2017.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. 2003. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial. ISBN 85- 88456-13-3. Pp.144.

SILVEIRA, M. I. M. **Línguas estrangeiras: uma visão histórica das abordagens, métodos e técnicas de ensino**. Maceió, AL: Edições Catavento, 1999.

SIQUEIRA, D. S. P. **Se o inglês está no mundo, cadê o mundo no livro didático de inglês?** In: SCHEYERL, D; 2012.

Recebido em 22 de fevereiro de 2018.

Aceito em 7 de março de 2018.